

## FISIOLOGIA, CONCEPÇÕES MÉDICAS E O ESTATUTO DA MEDICINA EM DESCARTES \*

Lígia FRAGA-SILVEIRA \*\*

---

*RESUMO: Nossa intenção é mostrar como as concepções médicas de Descartes, disseminadas em suas obras e correspondência, se constituíram a partir de duas questões básicas colocadas pelo filósofo: 1.º como funciona nosso organismo; 2.º qual a natureza do corpo animal e por extensão do corpo humano.*

*UNITERMOS: Conservação da vida; prolongamento da vida; teleologia da vida; auto-restaurar; autopreservar; natureza do corpo humano; mecanismo; criação contínua.*

---

Refletir sobre o estatuto da Medicina no interior do processo de reforma do pensamento em Descartes é muito mais do que buscar uma resposta através dos fracassos e dos sucessos em suas tentativas de constituir uma ciência médica. Se permanecermos neste nível, é inevitável chegarmos à conclusão que nosso autor fracassou, seja pelos limites de sua concepção de ciência, seja pela dificuldade de realizar experiências por falta de recursos econômicos. Teríamos somente acesso a um conjunto de concepções médicas nem sempre coerentes e, conseqüentemente, à efetivação de um ideal sempre protelado. Consideramos, ao contrário, que é através das concepções médicas disseminadas em suas obras e em sua correspondência que podemos reconstituir, se não o estatuto de uma medicina como ciência prática, ao menos o papel desempenhado por ela na efetivação de um ideal de reforma no qual Descartes se empenhou.

A medicina como ciência prática envolve necessariamente uma patologia e uma terapêutica. Não basta ter em mãos uma anatomia e uma fisiologia das funções corporais, apesar deste estudo preliminar ser a base sobre a qual devam se projetar uma prática e uma ciência médicas. Nesse sentido, temos um caminho a percorrer nas tentativas de Descartes em passar de sua explicação mecânica das funções corporais, ou seja, de sua anatomia e fisiologia, a uma patologia e terapia. Esta passagem não é simples e vai lhe trazer dificuldades que nosso autor progressivamente terá que enfrentar.

Quanto às suas preocupações por uma anatomia, uma fisiologia e uma medicina, elas existem desde 1629 e o acompanham até praticamente sua morte. Houve momentos precisos em que estas reflexões se fizeram, tomando direções bastante interessantes para compreender a própria evolução de seu pensamento.

---

\* Este texto é um dos capítulos, com pequenas modificações de nossa tese de Doutorado — As concepções Médicas e Morais na Filosofia de Descartes — Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

\*\* Departamento de Filosofia — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17500 — Marília — SP.

Se tomarmos suas afirmações a Mersenne em 1639, poderemos ter uma pequena retomada de como Descartes vê os trabalhos que até então realizou, ou seja, de 1628 a 1639:

“A multidão e a ordem dos nervos, das veias, dos ossos e das outras partes de um animal, não mostram que a natureza não seja suficiente para formá-los, contanto que se suponha que esta natureza aja em tudo segundo as leis exatas das mecânicas e que seja Deus quem lhe impôs estas leis. Com efeito, considere tanto o que Vealius e outros escreveram sobre anatomia, como várias coisas bem mais particulares do que aquelas que os mesmos escreveram as quais observei fazendo eu próprio a dissecação de diversos animais. Trata-se de um exercício no qual me ocupei com freqüência há onze anos e creio que não existe médico que o tenha praticado tanto quanto eu. Mas não encontrei coisa alguma que não pense poder explicar, em particular a formação pelas causas naturais, da mesma maneira como expliquei em meus *Meteoros* um grão-de sal ou uma pequena estrela de neve. E, se tivesse que recomeçar meu *Mundo*, onde supus o corpo de um animal inteiramente formado e contentei-me em mostrar as funções, empreenderia também colocar as causas de sua formação e de seu nascimento. Mas não sei ainda o suficiente para tanto, que possa simplesmente curar uma febre. Pois penso conhecer o animal em geral, o qual não é de modo algum sujeito e menos ainda o homem em particular, o qual é sujeito.. (3, p. 1050).

Trata-se de um trecho bastante complexo que merece uma análise mais detalhada, a fim de que possamos compreender como o autor vê o que já realizou.

Em primeiro lugar observamos que Descartes apresenta algo que não desenvolveu em seu *Traité de l'homme*, ou seja, a formação e nascimento do corpo animal. Neste, Descartes parte do corpo inteiramente formado, supondo que “...o corpo não é outra coisa que uma estátua ou máquina de terra, que Deus forma expressamente para torná-la o mais semelhante que possível a nós ...” (2. A.T., XI, p. 120, 1.4-7). No entanto, Descartes desde 1629 já refletia sobre a geração e formação do corpo. Segundo Charles Adam, dissertando sobre a datação de *Primae Cogitationes circa generationem Animalium* afirma que:

“As primeiras reflexões de Descartes sobre a geração não datam certamente de 1648. Se percorremos a correspondência do filósofo, vemos que esta questão o preocupava desde o final de 1629, também em 1630, em Amsterdã, depois em 1632 e 1633...” (2. A.T., XI, p. 503). O que nos leva a perguntar por que Descartes não apresentou algo no *Traité de l'homme*, que foi redigido entre 1632-33. Ele próprio responde quando dá a conhecer, em 1637, na 5.ª parte do *Discours de la Méthode*, o que naquele momento tinha em mãos: “Da descrição dos corpos inanimados e das plantas, passei àquela dos animais e particularmente à dos homens. Mas porque não tinha ainda bastante conhecimento para falar no mesmo estilo que falei do resto, isto é, demonstrando os efeitos pelas causas e fazendo ver de quais sementes e de que maneira a natureza deve produzi-los, contentei-me em supor que Deus formou o corpo de um homem inteiramente semelhante a um dos nossos...” (2, A.T., VI, p. 45, 1.23-p. 46, 1.1).

Se Descartes confessa, em 1637, que no momento da redação de seu *Monde* não tinha conhecimento suficiente para falar sobre a geração dos animais, em 1639, afirma que se tivesse que recomeçá-lo, colocaria também as causas da formação e nascimento do corpo animal. Isso significa que nosso autor dá uma importância considerável ao

problema da geração. Tal apreciação da parte de Descartes merece algumas considerações.

Há autores que chegam a afirmar que a questão da formação e nascimento do corpo, ou seja, a embriologia de Descartes, é a chave de suas concepções médicas. É o caso, por exemplo, de Francesco Trevisani que, dissertando sobre *Descartes e a medicina face à filosofia* (7, p. 4-9), comenta alguns intérpretes e faz considerações interessantes que merecem nossa atenção.

Ao comentar em particular Dreyfus-Le Foyer, retoma deste a afirmação de que Descartes, na impossibilidade de submeter a curva evolutiva das doenças humanas à unidade de uma lei matemática, não pôde efetivar seu projeto original de constituir uma ciência médica. No entanto, suas concepções médicas se desenvolveram e a embriologia tem um papel determinante nesse processo. O importante é que Descartes concebeu a fisiologia como uma embriologia prolongada. Tal possibilidade está sedimentada na recusa em explicar as funções a partir dos órgãos, mas, ao contrário, na preocupação de dar conta da existência destes a partir da função. É o que permite compreender melhor como pode conceber a terapia como sendo o efeito de um desvendamento progressivo da embriologia e, sucessivamente, da fisiologia e da patologia.

Em suma, como textualmente afirma: “Não se trata mais, como o era no *Tratado do Homem* de simular uma máquina cujas funções e movimentos imitam de uma maneira a mais perfeita possível os de um verdadeiro homem (XI, 202), mas a de explicar pelas leis do movimento seja a ontogênese do corpo animal, seja a circulação do sangue (esta sendo devedora daquela), b) de levar em consideração as funções específicas do corpo humano em vista de uma patologia e de uma terapia humanas” (7, p. 4-5).

Sabemos que na obra de 1648, *Description du Corps Humain*, Descartes desenvolve nas duas últimas partes (2, A.T., XI, p. 256-286) essa embriologia que, desde 1629-30, estava entre suas preocupações. Mas, uma patologia e uma terapia humanas continuam ainda como projeto e este homem “sujeito” que pretende atingir não é desenvolvido. Se alguma coisa aparece como preocupação, cremos que está formulada quando inicia a primeira parte desta obra:

“Nada há em que se possa ocupar com mais frutos do que procurar conhecer a si próprio. A utilidade a ser esperada deste conhecimento, não diz respeito somente à Moral como parece de início para muitos, mas de uma maneira particular também à Medicina na qual creio que poder-se-ia encontrar muitos preceitos bastante seguros, tanto para curar as doenças quanto para preveni-las e, mesmo para retardar o curso da velhice se houvesse bastante empenho em conhecer a natureza de nosso corpo e que não se atribuisse à alma as funções que só dependem dele e da disposição de seus órgãos.” (2, A.T., XI, p. 223, l. 1 - p. 224, l. 5)

Ou seja, conhecer a si mesmo é do que devemos nos ocupar e tal conhecimento não diz respeito *somente* à Moral, mas igualmente à Medicina. Se sua intenção é descrever as funções do corpo humano, tanto aquelas que dependem só do corpo, quanto aquelas que dependem do corpo e da alma, é lógico que Descartes critique aqueles que desenvolvem uma Moral independente de uma Medicina, assim como aqueles que pensam esta última pressupondo o homem exclusivamente enquanto corpo. O que está sendo proposto é uma diferença do corpo humano em relação ao corpo animal, pois este é explicável única e exclusivamente em termos de uma estrutura que depende da disposição dos órgãos e dos movimentos deles decorrentes; no homem, enquanto corpo e alma,

deve estar suposto que haja tanto esses movimentos quanto aqueles que dependem da união. É o que afirma na seqüência da primeira parte deste tratado:

“... a alma não pode excitar nenhum movimento no corpo, a não ser que todos os órgãos corporais, requeridos para este movimento, estejam bem dispostos; mas que, ao contrário, quando o corpo tem todos os seus órgãos dispostos para algum movimento, ele não tem necessidade da alma para produzi-lo; e, conseqüentemente, todos os movimentos que não experimentamos depender de nosso pensamento, não devem ser atribuídos à alma, mas unicamente à disposição dos órgãos; e que mesmo os movimentos que se nomeiam *voluntários*, procedem principalmente desta disposição dos órgãos, pois não podem ser excitados sem ela, qualquer vontade que tenhamos, ainda que seja a alma que os determine.” (2, A.T., XI, p. 225, l. 12-25).

Podemos notar que, no *Traité de l'Homme*. Descartes também está consciente de que o homem é essa união corpo-espírito, afirmando, inclusive, através da glândula pineal, (2, A.T., p. 129, l.11) a inserção da alma no corpo, no entanto, continua no interior de uma posição bastante delimitada, tratando o corpo humano como um corpo animal. Em 1648, contudo, não só desenvolve sua embriologia, como também dá ênfase ao corpo humano, quando afirma que mesmo os movimentos chamados voluntários, que são determinados pela alma, também dependem da disposição dos órgãos, pois sem ela não podem ser provocados. Nesse sentido é natural que Descartes já anuncie que uma moral não pode ser vista sem uma medicina, enquanto no *Traité de l'Homme* e na 5.<sup>a</sup> parte do *Discours de la Méthode*, a questão de uma moral nem mesmo é levantada.

Mas, se tudo o que envolve uma medicina e uma moral do homem enquanto corpo e espírito tem espaço e importância na filosofia de Descartes, isso não exclui que o autor desenvolva ao nível da distinção corpo/espírito concepções médicas sui generis que merecem nossa atenção. São concepções consideradas muitas vezes marginais ou, ainda, reveladoras da impossibilidade de construir uma patologia e uma terapia a partir de sua fisiologia. No entanto, apresentam-se com constância em sua correspondência e merecem uma atenção especial de nossa parte.

Até o momento, abordamos o corpo humano no interior de uma explicação mecânica tanto das funções quanto das disposições dos órgãos, dando ênfase a essa evolução de sua fisiologia ao incorporar uma embriologia. Em outros termos, tínhamos uma explicação que dava conta do funcionamento do organismo, da formação do embrião e da nutrição. No entanto, não basta permanecermos ao nível do funcionamento quando se trata de um organismo vivo, pois este coloca uma questão que lhe é própria, ou seja, sua auto-preservação e sua autorestituição. Talvez falte a Descartes uma concepção da natureza do corpo animal e, por extensão, do corpo humano, que venha responder ao problema que inevitavelmente sua explicação mecânica teria que enfrentar.

Em 1648, Descartes, ao responder às objeções de Burman a respeito de um trecho do *Discours de la Méthode*: “... talvez do enfraquecimento da velhice...” (2, A.T., VI, l. 62, p. 28-29), nos dá uma excelente oportunidade para refletir sobre essa questão quando afirma:

“Se e como o homem foi imortal antes da queda, não é uma questão para o filósofo; é necessário deixá-la para os teólogos. Assim também, como os homens antes do dilúvio puderam atingir uma idade também avançada, isso ultrapassa o filósofo, e que talvez Deus pudesse fazer isso por milagre, por causas extraordinárias, sem recurso às causas naturais; pode ser também que a constituição da natu-

reza tenha sido diferente antes do dilúvio e que se tenha tornado pior após este acontecimento. O filósofo considera a natureza do homem tal qual é hoje e não vai buscar suas causas mais longe, pois isso o ultrapassa. Agora que a vida humana pôde ser prolongada pelo conhecimento da arte da medicina é do que não se pode duvidar; pois se podemos desenvolver e prolongar a vida das plantas etc. conhecendo a arte da cultura, porque não seria do mesmo modo com o homem? Mas a melhor maneira de prolongar a vida e o método a seguir para guardar um bom regime é viver como os animais e entre outras coisas comer aquilo que nos agrada, deleitar nosso paladar e somente enquanto isso nos agradar”. (3, p. 1.401 - 1.402).

Trata-se do tema, caro a Descartes, do prolongamento da vida. Inicia seu raciocínio afastando questões teológicas e que não dizem respeito à filosofia: se o homem antes do pecado foi imortal e se antes do dilúvio pôde atingir uma idade mais avançada. Responde que talvez Deus possa ter feito isso, recorrendo a causas extraordinárias, ou ainda que a constituição da natureza talvez tivesse sido diferente antes do dilúvio e se tivesse tornado pior após este acontecimento.

Ao filósofo cabe considerar a natureza dos homens tais quais esses são hoje e portanto não lhe compete buscar causas além das naturais. O que o filósofo não pode ignorar é que, no momento, a arte da medicina está permitindo que a vida humana seja prolongada.

Mas indica a seguir aquilo que considera a *melhor* maneira de prolongar a vida e o método para guardar um bom regime: *viver como os animais e, entre outras coisas, comer o que nos agrada e somente enquanto nos agrada*. Ou seja, Descartes está propondo que prolongar a vida é *seguir* a nossa natureza, como fazem os animais.

No entanto, seu interlocutor faz uma objeção:

“Isso daria bons resultados nos corpos bem dispostos e sãos, cujo apetite é regulado e útil ao corpo, mas não nos corpos doentes”

À qual Descartes responde, afirmando:

“Não é de nenhuma maneira verdadeiro; mesmo se estamos doentes, a natureza permanece a mesma, ela que parece justamente jogar o homem nas doenças para poder se livrar melhor do embaraço e que parece zombar dos obstáculos, contanto que lhe obedecemos. Talvez, se os médicos permitissem aos homens as iguarias e as bebidas que freqüentemente desejam quando estão doentes, os tornariam bem melhores quanto à saúde do que por meio de seus medicamentos repugnantes, como prova a própria experiência; com efeito, em tais casos, a própria natureza persegue sua restauração e se compreende bem melhor, sendo perfeitamente consciente de si mesma do que um médico exterior”. (3, p. 1.402)

Diante da objeção que seguir a natureza vale apenas para os corpos sãos, Descartes prossegue seu raciocínio, afirmando: 1.º) mesmo que estejamos doentes, a natureza *permanece* a mesma; 2.º) a natureza lança o homem nas doenças justamente para *superar* os obstáculos que no momento enfrenta, decorrendo daí que devemos obedecê-la; 3.º) nesse sentido, a natureza tem nela mesma o *poder de se restaurar, pois é consciente de si mesma* e, portanto, pode se sair bem melhor que um médico exterior.

O raciocínio se completa face à pergunta final de seu interlocutor:

“Objeção. Mas há iguarias, etc. em número infinito. Que escolha fazer? Em que ordem tomá-las?

Resposta. A própria experiência nos ensina; pois sempre sabemos se um alimento nos foi proveitoso ou não, e assim sempre podemos aprender para o futuro se devemos usá-lo novamente, da mesma maneira e na mesma ordem, ou se é necessário nos abster; se bem que, segundo a palavra de Tibério (a menos que não seja de Catão), o homem com a idade de trinta anos não deve mais ter necessidade de médico, pois com esta idade pode saber o suficiente para si próprio, por experiência, aquilo que lhe é útil ou nocivo e ser assim seu próprio médico.” (3, p. 1.402).

Vemos que aquilo que determina sua proposta a respeito da temática do prolongamento da vida, ou melhor, do retardamento da velhice, é uma concepção da natureza de um organismo vivo, em particular do animal e por extensão do homem. Se, por um lado, nosso autor ressalta o avanço da medicina de seu tempo, que possibilita que a vida humana seja prolongada, por outro, propõe uma medicina que poderíamos chamar de natural, pois segue as vias desejadas pela natureza. Descartes, neste momento, de fato, retoma a proposta terapêutica da escola hipocrática, cujo aspecto essencial e prioritário é a dietética, a qual considera o alimento um medicamento e o medicamento um alimento. A razão de ser desta proposta terapêutica está embasada numa concepção de natureza que basta a si mesma, sabendo tudo o que lhe é necessário e que, agindo espontaneamente, atrai para si o que lhe é útil e repele do organismo o que lhe é nocivo. Em suma, para os hipocráticos, as forças automedicadoras do organismo não deviam ser perturbadas por nenhuma medida violenta ou intromissão desnecessária (4, p. 7.422). É o que possibilita, em última análise, Descartes afirmar que, melhor que um médico exterior, cada um possa ser seu próprio médico se seguir sua própria natureza.

Em outros termos, estamos diante de uma concepção da natureza animal onde está suposta uma *finalidade interna de autopreservação*. Se Descartes foi capaz de ligar sua fisiologia à sua embriologia é porque refletiu durante muito tempo sobre a circulação do sangue. Tendo já no plano científico alcançado uma explicação plausível sobre a nutrição, ligada a um princípio de regulação interna de nosso organismo, ou seja, na própria circulação do sangue (7, p.5-6), faltava-lhe, contudo, uma concepção da natureza animal que desse uma complementação final à sua concepção do organismo. Para conferir à natureza uma finalidade interna de autopreservação, propõe-se apresentá-la como força medicadora que age espontaneamente.

Mas não é somente com sua fisiologia que podemos compreender a incorporação por Descartes dessa concepção de natureza. Sua metafísica dá igualmente esta oportunidade através da doutrina da criação contínua.

Se Deus criador *conserva* na existência, sem que isso signifique um deus demiúrgico que interfere para manter os seres na existência (5, p. 163-165), temos que assumir uma natureza criada com uma capacidade interna para se manter. De tal capacidade é dotado o corpo animal, por seu próprio funcionamento, como Descartes nos faz ver através de sua fisiologia e ao necessitar assumir uma concepção de natureza animal, que tenha nela mesma uma finalidade interna de autopreservação. Conservação da saúde, prolongamento da vida, retardamento da velhice são temas que encontram aí sua significação e passam a ter um peso no interior de suas concepções médicas.

Sob este aspecto, é um pouco difícil aceitar as interpretações que, limitadas na impossibilidade sentida por Descartes de constituir uma medicina infalível, queiram afirmar o fracasso de suas tentativas. Sua medicina toma significado no interior de sua filosofia e é nesta, na complexidade de que é dotada, que nosso autor pode, em 1648,

chegar a esse complemento para finalizar aquilo que era exigido por sua ciência e pela metafísica.

Nesse contexto, uma retrospectiva da evolução das concepções médicas elaboradas pelo autor toma uma direção bastante significativa. Convém-nos, portanto, refazê-la, mesmo que sucintamente, dada a importância da questão.

Logo após a publicação do *Discours de la Méthode*, em 1638, numa carta a Huygens afirma:

“Nunca tive tanto cuidado em me conservar do que agora e em lugar de pensar, como outrora, que a morte pudesse me retirar trinta ou mesmo quarenta anos, não poderia entretanto me surpreender e me retirar a esperança de um século; pois vejo de uma maneira bastante evidente que se nos guardássemos diante de certas faltas que temos costume de cometer a respeito de um regime de vida, poderíamos, sem outras invenções, chegar a uma velhice bem mais longa e mais feliz do que temos; mas porque tenho necessidade de muito tempo e de experiências a fim de examinar tudo o que serve a respeito deste assunto, trabalho no momento a fim de compor um compêndio de medicina, que tiro em parte dos livros e em parte de meus raciocínios, do qual espero poder me servir por provisão para obter um prazo da natureza e assim prosseguir melhor logo após em meu objetivo.” (2, A.T., I, p. 507)

Descartes deixa bastante claro que chegar a uma velhice mais longa e mais feliz é possível, sem outras invenções, seguindo um *regime de vida*. Considera tão importante tal assunto que afirma ter necessidade de muito tempo e experiência para levar adiante essa sua proposta.

Um ano após, explicita a Mersenne que tanto a vida pacata que leva, quanto certos conhecimentos que adquiriu de Medicina, fazem com que no momento goze de uma boa saúde e se sinta longe da morte. É com entusiasmo que afasta as preocupações de seu interlocutor a respeito de sua saúde:

“... há trinta anos que não tive, graças a Deus, nenhum mal que merecesse ser chamado mal. Porque a idade me retirou este calor do fígado que me fez outrora amar as armas, e que não faço mais profissão de pusilanimidade e também porque adquirei um pouco de conhecimento de medicina e que me sinto viver e me ta-teio com tanto cuidado como um rico apreciador, parece-me quase que estou agora mais longe da morte do que estava em minha juventude.” (3, p. 1.041).

Ao mesmo tempo que progride em sua ciência, segundo sua afirmação, vemos também a constância com que Descartes nesses dois momentos se refere a um regime de vida, ligado ao tema da saúde e prolongamento da vida. Está igualmente presente e decorrendo desta mesma terapia que propõe a prática de cada um ser seu próprio médico.

Podemos, desta maneira, compreender porque mais tarde, em 1645, de uma maneira clara e inequívoca, afirma ao marquês de Newcastle que:

“A conservação da saúde sempre foi a principal finalidade de meus estudos e não duvido que eu não tenha meios de adquirir muitos conhecimentos a respeito da medicina que foram ignorados até o presente. Mas o tratado dos animais que medito e que não pude ainda acabar, sendo uma entrada para chegar a esses conhecimentos, não me reservo em vangloriar-me de tê-los; e tudo o que posso dizer no presente é que sou da opinião de Tibério, o qual desejava que aqueles que tivessem atingido a idade de trinta anos, tivessem bastante experiências das coisas que lhes pudessem prejudicar ou ser proveitoso, para ser eles próprios seus médicos. Com efeito, parece-me que ninguém que não tenha um pouco de espírito não pos-

sa observar o que é útil a sua saúde, contanto que tome um pouco de cuidado a respeito e que os mais sábios doutores não lhe poderiam ensinar”’. (3, p. 1.219-1.220).

É o que vai repetir em 1648 no *Entretien avec Burman*, como anteriormente analisamos, e que reforça a permanência da temática da conservação da saúde, do prolongamento da vida, ou ainda, do retardamento da velhice. Se esta temática está ligada a uma terapêutica, esta última não está orientada para a patologia, mas antes para a preservação e mesmo uma restauração da saúde. Seu ponto de partida é uma concepção de natureza que, consciente de si mesma, é dotada de uma finalidade interna de autopreservação. Desta maneira, como já tínhamos visto, prevalece que cada um pode ser seu próprio médico, contanto que mantenha um regime de vida, além de conhecimentos específicos de medicina.

Descartes progressivamente nos faz reencontrar sua preocupação pela conduta da vida (5, p. 175-180) e que, no momento, se manifesta sob a forma de um regime de vida.

Estamos diante de uma Sabedoria prática nunca abandonada por ele que reaparece através da temática da preservação da saúde e prolongamento da vida. Esta sabedoria traduz-se num regime de vida porque pressupõe uma natureza que tem nela mesma o poder de se auto-regular. Não temer a morte e sentir a vida, são sentimentos que decorrem dessa mesma sabedoria.

Se a conservação da saúde sempre foi tida por Descartes como o fim principal de seus estudos e se nela está pressuposto o que acabamos de expor, podemos afirmar que a utilização da ciência pressupõe em seu pensamento essa sabedoria prática.

A razão considerada por Descartes como uma força ativa que tem nela mesma um poder porque depositária das sementes de ciência, cabendo aos estudos ou ao método o desenvolvimento dessas sementes, (5, p. 150-159) encontra aqui ao nível do corporal também uma natureza que, concebida como *força* medicadora, age espontaneamente, cabendo a um método, ou o regime de vida, a preservação da saúde e o prolongamento da vida. Bom senso e regime de vida são dois componentes com os quais esta sabedoria encontra e aprofunda a concepção de razão, a necessidade de um método e o ideal de ciência.

Em vez de vermos suas concepções médicas como índice das dificuldades de aplicação prática da ciência\*, vejamo-las como algo que, conjuntamente com o desenvolvimento da fisiologia, promoveu seu ideal de um saber voltado para o corporal. Descartes quando pensa uma medicina, vê a necessidade de mais tempo e de experiências futuras que englobem sua fisiologia, assim como de pensar um regime de vida orientado para a preservação da saúde e o prolongamento da vida, embasado numa concepção de natureza que tem nela mesma seu princípio auto-regenerador. A terapia surge nesse contexto com a conseqüente afirmação de que cada um pode ser seu próprio médico.

Concluindo, podemos afirmar que, antes mesmo de pensar o homem como união corpo/espírito, temos em Descartes uma concepção da natureza corporal, seja do homem ou do animal, que dá um sentido às suas concepções médicas. Como afirmamos, a concepção de uma natureza que tenha um princípio de preservação interno é tanto um complemento para a embriologia e a fisiologia da circulação do sangue e da nutri-

---

\* Um exemplo dessa orientação é Gouhier em sua obra *La pensée religieuse de Descartes*, op. cit., 6, p. 142-151. Ao dissertar sobre a Medicina e a Moral em Descartes, mesmo que afirme que um grande sonho médico impulsiona a reforma cartesiana, propõe que a falta de experiências e as dificuldades, mesmo econômicas, para desenvolver suas pesquisas nesse campo levaram-no a desviar sua atenção para uma medicina da alma.



ção, quanto uma necessidade inerente à metafísica. O aprofundamento de sua explicação mecânica da circulação do sangue através de uma embriologia toma sentido no interior do que seja o *funcionamento* de uma máquina especial, isto é, do corpo animal; a mesma concepção mecânica exige também uma concepção da natureza animal dotada de uma finalidade interna. Em outros termos, todo mecanismo pressupõe que respondamos a duas questões: o funcionamento do organismo pensado como máquina e o construtor dessa mesma máquina. Se esse construtor é Deus criador e se Descartes assume em sua metafísica a doutrina da criação contínua, deve necessariamente afirmar, no caso do organismo animal, uma finalidade interna para se compreender que Deus, sem ser um demiurgo, conserve esses seres na existência.

Para manter a coerência de seu raciocínio metafísico, nada melhor do que atribuir a esse organismo animal uma natureza que se auto-regule ou se autopreserve e, portanto, a possibilidade de se auto-restaurar. Não basta para Descartes pensar a preservação do organismo somente ao nível de seu funcionamento, enquanto, como um autômato, tem nele mesmo a potencialidade de transformação da energia. Exige-se, com efeito, quando se trata de um organismo vivo, a afirmação de um poder autopreservativo e mesmo auto-restaurador. Enquanto a máquina necessita que haja uma intervenção e uma vigilância exterior para que uma regulação ou uma restauração se processe, o organismo vivo tem nele mesmo esse poder.

Convenhamos que, se no campo de sua física não há ainda espaço para se estabelecer uma lei da conservação da energia, pois seu mecanismo atenta tão-somente à questão da transformação da energia — ilustrada pela constante metáfora da máquina —, Descartes não pôde se furtar a requerer uma metafísica que dê conta da conservação das criaturas na existência. Nesse sentido, a explicação mecânica das funções corporais não impede, ao mesmo tempo que não supre por uma outra exigência que, no campo da vida biológica, é essencial, ou seja, sua autoconservação e auto-restauração. Trata-se de uma exigência metafísica que Descartes impreterivelmente teria que enfrentar neste domínio, fazendo interferir uma teleologia da vida. Os temas do prolongamento da vida, de vencer a morte, de retardar a velhice etc. tomam sentido se aceitamos que Descartes não aboliu essa teleologia da vida e, portanto, a necessidade de uma concepção da natureza do corpo animal como tendo nela mesma o poder de se autopreservar e de se auto-restaurar.

Se afirmamos que esta teleologia não foi abolida quando da necessidade em explicar um corpo que em sua organização deveria responder, tanto ao nível de seu funcionamento quanto ao nível de sua natureza, a uma preservação que lhe é específica, queremos dizer que Descartes não só progrediu em sua explicação mecânica, como se defrontou com uma questão básica que movimentou o pensamento médico do fim do século XVII e principalmente do século XVIII: até que ponto o organismo pode ser comparado a uma máquina? Entre as correntes desta época, possivelmente foram os organicistas que deram uma resposta mais próxima ao que Descartes se propunha, pois buscavam um princípio explicativo de organização interna do corpo humano, sem apelar a um agente externo que desse conta das atividades vitais (cf. 1, p. 302-304).

No entanto, se uma resposta mais próxima foi encaminhada pelos organicistas, o problema em Descartes tem seu desenvolvimento próprio. Quando assume uma concepção de natureza que tem nela mesma uma finalidade, a qual se manifesta sob a forma de autopreservação e auto-restauração, Descartes está reintroduzindo em sua filosofia, através dessa concepção de organismo, a noção grega de “*physis*”.

Justifica-se deste modo ter igualmente reintroduzido, segundo nossa interpretação, a concepção hipocrática das forças automedicadoras do organismo. Como afirma A. Bernardes de Oliveira: "... foi ao se deparar com os 'milagres' relatados nas plaquetas votivas dos templos que Hipócrates concebeu a existência de forças curativas naturais como chave para a explicação racional das misteriosas curas. Em decorrência dessas convicções, surgiram os lemas de 'vis medicatrix naturae' e do 'primum non nocere' (nas suas formas latinizadas)" (1, p. 75-76). Não seria com uma finalidade semelhante, que Descartes faz questão de distinguir o que cabe ao filósofo refletir e realizar experimentalmente no campo da medicina do que são propriamente problemas teológicos, como já vimos ao analisar sua resposta a Burman? Foi nesse contexto crítico que nosso autor afirmou tanto a necessidade do filósofo permanecer ao nível das causas naturais quanto uma concepção da natureza do corpo e tudo que daí decorre como uma retomada da concepção hipocrática.

Em suma, Descartes salvaguarda uma teleologia própria à vida biológica, sem que para isso necessite afirmar nesse nível uma teleologia própria da alma para comandar o corpo. A questão da interação corpo/alma tem seu espaço no sistema cartesiano tanto quanto tudo que possa estar implicado na distinção de ambos. É nesta reiteração da distinção que está inscrita a afirmação de uma natureza animal que se autopreserva e se auto-restaura. Não só ao nível das funções se coloca o problema da distinção, mas também ao nível de uma concepção da natureza corporal. Esta foi a intenção que dirigiu nossas reflexões neste artigo.

---

FRAGA-SILVEIRA, L. — Physiologic, conceptions médicales et le statu de la médecine chez Descartes. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 8: 39-48, 1985.

*RÉSUMÉ: Notre intention est montrer comment les conceptions médicales de Descartes, disseminées dans ses oeuvres et dans sa correspondance, se sont constituées a partir de deux questions fondamentales posées par le philosophe: 1 — comment fonctionne-t-il notre organisme; 2 — quel est-il la nature du corps animal et, en particulier, du corps humain.*

*UNITERMES: Conservation de la vie; prolongement de la vie, teleologie de la vie; se restaurer; se préserver; la nature du corps animal; mecanicisme; création continuée.*

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNARDES DE OLIVEIRA, A. — *A evolução da medicina*. São Paulo, Pioneira, 1961.
2. DESCARTES, R. — *Oeuvres de Descartes*. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery. Paris, J. Vrin, 1960-1974.
3. DESCARTES, R. — *Oeuvres et lettres*. Paris, Pléiade, Gallimard, 1953.
4. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo, Encyclopedia Britanica do Brasil Publ., 1977. v. 14.
5. FRAGA-SILVEIRA, L. — *As concepções médicas e morais na filosofia de Descartes*. São Paulo, Departamento de Filosofia, USP, 1985. (Tese - Doutorado).
6. GOUHIER, H. — *La pensée religieuse de Descartes*. Paris, J. Vrin, 1924.
7. TREVISANI, F. — Descartes et la médecine. *Bulletin Cartésin*, 9, *Archives de Philosophis*, Cahier 1, 1981.